

Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade

Mariana de Oliveira Farias

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis

Resumo: As diferentes civilizações, conforme o momento histórico e os valores nelas vigentes, diferiram no modo como se relacionaram com a sexualidade e o fenômeno da homossexualidade. Algumas ocorrências históricas contribuíram para a visão que a sociedade tem hoje acerca da homossexualidade, como o Vitorianismo, o Cristianismo e o avanço da ciência no século XIX. Nesta época, alguns pensadores contribuíram para uma visão positiva da sexualidade como Walt Whitman, Symonds, e Havelock Ellis e, sobretudo no século XX, movimentos sociais lutaram pelo respeito e igualdade de direitos à orientação sexual homossexual. Apesar de alguns avanços, ainda há estereótipos relacionados à homossexualidade e logo, à homoparentalidade. A literatura tem exposto esses mitos, por exemplo: 1) que os homossexuais seriam todos promíscuos; 2) que a homossexualidade seria um distúrbio, um desvio; 3) que os homossexuais não poderiam criar uma criança, pois ela seria “influenciada” pela homossexualidade; 4) que os homossexuais tenderiam a abusar sexualmente de crianças para realizarem seus desejos, dentre outros. Estas crenças irrefletidas na sociedade favorecem a discriminação e o preconceito contra as pessoas que vivenciam a homossexualidade e dificultam uma visão positiva na sociedade e no meio jurídico em relação à homoparentalidade e logo, sobre a adoção por homossexuais.

Palavras-chave: homoparentalidade, conjugalidade homossexual, mitos e preconceito

1. O que determina o modo como as sociedades lidam com a sexualidade?

A sexualidade e as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo foi concebida de forma diferente em cada sociedade, dependendo do momento histórico, valores e costumes presentes em cada civilização (Ribeiro, 2002; 2005).

A repressão sexual presente em cada cultura influencia as regras e a maneira não só como as pessoas lidam com sua própria sexualidade, mas também como acreditam que os outros deveriam se comportar diante desta temática. Para compreendermos melhor o

conceito de repressão sexual, vejamos como Chauí a define: a repressão sexual é um “*Conjunto de interdições, permissões, normas, valores e regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade*” (Chauí, 1984, p. 9).

Podemos então entender que a repressão sexual indicaria os comportamentos sexuais que seriam considerados certos ou errados numa dada cultura, numa dada época. Para Chauí (1984), primeiramente as regras e suas conseqüências seriam exteriores ao indivíduo, no entanto, por meio de processos sociais como, por exemplo, a educação, elas seriam internalizadas e, caso transgredidas, se transformariam em vergonha e culpa, elementos internos ao indivíduo.

Alguns fatores influenciaram as regras relativas à sexualidade e à homossexualidade ao longo do tempo, como veremos.

2. O Cristianismo e a Construção do Preconceito contra os Homossexuais

Segundo Naphy (2006), nas civilizações e religiões da Antigüidade, não monoteístas, parece que a existência de relações entre pessoas do mesmo sexo não era um fato importante para ser notado e discutido, o importante era observar qual postura os parceiros assumiam, tanto no âmbito social, quanto na relação. Aqueles que assumiam uma postura ativa eram bem vistos e respeitados, enquanto aqueles que assumiam uma postura passiva não eram dignos de admiração, independente de sua identidade sexual ou orientação sexual. Para a autora, os representantes da religião judaica, visando ganhar força e novos fiéis, reprovou atos utilizados nas celebrações de cultos pagãos, inclusive os relacionados à sexualidade. As religiões politeístas tinham uma concepção mais livre sobre a sexualidade, esta podia estar associada ao divino e ao prazer.

Para os grupos judaico e cristão, ser contrário às religiões politeístas significaria também ser contrário a esta visão livre de sexualidade, estas religiões se tornaria uma doutrina anti-sexual e pontos de vista anti-desejo (Trevisan, 200?).

A religião judaica teria enfatizado a prática sexual exclusiva para procriação e reprovado diversas práticas sexuais como o incesto, a masturbação e a homossexualidade. A censura não seria da homossexualidade em si, mas seria a censura de atos que não assegurassem a procriação, pois buscavam o aumento do próprio grupo, de seus adeptos (Naphy, 2006).

Para Catonné (1994), enquanto no paganismo a dicotomia residia entre atividade e passividade, no Cristianismo, isto ocorre entre a homossexualidade desaprovada e a heterossexualidade vista como única opção válida. E mais, segundo Dias (2006), qualquer prática sexual realizada fora do casamento e sem fins reprodutivos seria considerado antinatural. Surge então a grande desaprovação do Catolicismo em relação à homossexualidade, principalmente a masculina, na qual haveria a perda do sêmen.

Segundo Brandão (2002), atualmente o Catolicismo ainda reprovava a relação entre pessoas do mesmo sexo, como podemos perceber por meio de algumas ocorrências: em 1986 o Vaticano se pronunciou contra a homossexualidade, considerando esta como um fator extremamente negativo para a moral; em 1992 o Papa promulgou um documento

Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade

sobre a doutrina do Catolicismo¹, no qual a homossexualidade é considerada grave pecado contra a integração saudável da sexualidade. Segundo matéria publicada em dezembro de 2008 no jornal O GLOBO, o Papa Bento XVI pronunciou-se contra políticas de igualdade de direitos aos homossexuais, neste ano, pois considera danosa a equiparação de casais homossexuais com os heterossexuais, visto que “*viver dessa forma é contra a verdade, contra o espírito do Criador*” (Globo, 2008, s/p).

Apesar da Igreja Católica mostrar-se contra a homossexualidade, alguns fiéis já não seguem tão rigidamente suas imposições por acreditarem que a religião não deveria interferir tão arduamente em suas vidas particulares e por muitas vezes considerarem algumas concepções sobre a sexualidade como inflexíveis e antiquadas. Nestes casos a homossexualidade é encarada de forma menos preconceituosa (Figueiró, 1996; Gregersen, 1983).

3. As transformações sociais à partir do século XIX e a concepção de homossexualidade

O Racionalismo, movimento que surgiu entre os séculos XVII e XVIII, contribuiu para que as explicações religiosas sobre a vida fossem dando espaço para as explicações científicas. O médico passa a ser inserido no ambiente das famílias e orienta os comportamentos considerados adequados à saúde, inclusive aqueles relativos à sexualidade (Ribeiro, 2002).

A era Vitoriana², movimento estabelecido como resposta ao liberalismo advindo com o Iluminismo, já no século XIX, também contribuiu para enrijecer as regras morais relativas à sexualidade. Exalta-se o sexo exclusivo para procriação, a mulher virgem e a idealização da maternidade (Farias & Maia, 2009; Ribeiro, 2002; Spencer, 1996).

É nessa época, a partir do século XIX, que a sexualidade se divide entre aquela considerada normal, isto é, cujo objetivo único é a procriação, e a sexualidade considerada perversa, ou seja, os atos sexuais que visam o prazer e não somente a procriação. A heterossexualidade é associada à idéia de normalidade, enquanto a homossexualidade, à idéia de perversidade, em conformidade com o ideal presente de preservação da família e de procriação (Figueiró, 1996, Farias & Maia, 2007).

A ciência porém, não desfez as crenças errôneas sobre a idéia existente de sexualidade desviante, ao contrário, afirma-a e a homossexualidade passa a ser considerada uma anomalia hereditária, uma inversão sexual que precisa de cura (Guimarães, 2007; Spencer, 1996).

A Ciência serviu como instrumento para atribuir os problemas sociais a uma classe considerada desajustada: bêbados, prostitutas, criminosos, imbecis, pervertidos sexuais (dentre estes os homossexuais), crianças em orfanatos e insanos. Esta exclusão de uma

1 Este documento foi promulgado pelo Papa João Paulo II e foi chamado de “Catecismo da Igreja Católica” (Catecismo, 2005).

2 A era Vitoriana durou de 1837 a 1901, durante o reinado da rainha Vitória, na Inglaterra (Morais, 2004).

classe e a justificação pela ciência serviria como forma de restabelecimento da ordem ameaçada já que menospreza aqueles que a ameaçam (Spencer, 1996).

Apesar do preconceito contra a homossexualidade ter sido fortalecido nesta época, algumas pessoas, ainda no século XIX, foram contra a teoria de que ela seria uma anomalia e que existiria um modelo de papel sexual invertido em relação ao sexo biológico. Sua atuação foi importante no início da desmitificação da homossexualidade (Spencer, 1996).

Podemos conhecer melhor a atuação destes pensadores nas palavras de Farias e Maia (2009):

Walt Whitman, J. A. Symonds, Edward Carpenter e Havelock Ellis foram os pioneiros em defender a relação homossexual como viril, saudável, igualitária e, possivelmente, tão duradoura e aceitável quanto qualquer relacionamento heterossexual. Esses autores enfatizaram a divulgação de informações e o esclarecimento adequado das autoridades, o que muito contribuiu para mudanças no pensamento da sociedade. Para Ellis, Symonds e Carpenter, as diferenças na sexualidade humana eram determinadas por predisposições biológicas e era a sociedade que inibia o verdadeiro potencial humano. (Farias & Maia, 2009, p. 46)

Sigmund Freud, já no século XX, proporcionou avanços importantes no modo como a sexualidade era vista, como, por exemplo, o de que a sexualidade faz parte da infância e não só da vida adulta, como se acreditava. Com relação à homossexualidade, apesar de Freud não acreditar que esta fosse uma doença e sim uma variação no desenvolvimento humano, seus conceitos pouco esclarecedores (fixação anal, inveja do pênis, etc) aliado ao preconceito da época fez acreditar que sua teoria afirmasse a tese de que a homossexualidade seria uma doença (Spencer, 1996; Roudinesco, 2003).

Mas o reconhecimento da homossexualidade como orientação sexual somente ocorreu na década de 70, auxiliada pelo Movimento de Liberação Gay, que se iniciou de forma mais organizada após uma batida policial em um bar gay em Nova York, em 28 de junho de 1969, quando os policiais foram atingidos por garrafas e latas atiradas pelos clientes enquanto estes cantavam músicas do movimento homossexual. Este dia ficou conhecido como o Dia do Orgulho Gay e até hoje se comemora o fato com a Parada Gay (Dias, 2006; Gregersen, 1983).

Os estudos de Michael Foucault e John Boswell, aliados ao ideal de liberação sexual à partir de 1970, também auxiliaram na mudança do conceito da homossexualidade, que começou a ser considerada não mais uma anomalia ou doença, mas um elemento da sexualidade humana (Hochman, Prowler & Huston, 1995; Kaplan; Sadock & Grebb, 1997; Roudinesco, 2003).

Algumas datas importantes ilustram esta mudança:

Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade

1973 – a homossexualidade é retirada da categoria diagnóstica de doença pela Associação de Psiquiatria Americana (APA) e então retirada do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM).

1975 – A Associação Americana de Psicologia recomendou aos profissionais de saúde mental que se desfizessem de seus preconceitos e realizassem pesquisas com as famílias homoparentais (Dias, 2006; Hochman; Prowler & Huston, 1995; Kaplan; Sadock & Grebb, 1997; Roudinesco, 2003).

1990 – a Organização Mundial da Saúde (OMS) determinou que a homossexualidade não deveria ser considerada doença e por isso não se deveria buscar sua cura (Farias & Maia, 2009).

1999 – Conselho Federal de Psicologia regulamenta a atividade do psicólogo sobre a questão, afirmando que a homossexualidade não deve ser considerada doença ou perversão e que os psicólogos devem trabalhar contra o preconceito, discriminação e atitudes homofóbicas (CFP, 1999).

Dentre as alterações significativas, temos a alteração do termo “homossexualismo” para “homossexualidade”, alterando o significado trazido pelo sufixo “ismo”, de doença, para a idéia do sufixo “dade” de “modo de ser”. Estas modificações alteraram a forma como algumas pessoas vêem a homossexualidade, no entanto, o preconceito ainda é forte e atuante em nossa sociedade.

Ainda hoje a pessoa homossexual é vista por muitas pessoas como desajustada e imoral. Porém, sabe-se que o fator desestabilizador não é a orientação sexual, mas o estigma e preconceito sofrido por estas pessoas, que muitas vezes se vêem como desajustadas e escondem suas emoções e desejos para se sentirem aceitas pelas regras sociais e se adequarem à normatividade.

Muitas pessoas ainda consideram que a homossexualidade seria uma opção. Porém como nos diz Castañeda (2007), a orientação sexual não pode ser escolhida nem mudada por livre opção do sujeito, apesar de muitos falarem sobre “preferência sexual”. “Há poucas coisas tão fortemente ancoradas na vida como a orientação sexual” (Castañeda, 2007, p. 68).

A opção reside na escolha de contar ou não para a sociedade sobre seus desejos homossexuais, ou seja, a escolha residiria no fato de querer ou não assumir-se perante o social, mas não haveria escolha sobre sentir ou não atração pela pessoa do mesmo sexo ou sexo oposto.

Apesar de todos os fatores que contribuíram para uma visão estigmatizadora da homossexualidade, também é possível observar avanços nos movimentos sociais que

3 Existem divergências quanto ao ano em que a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela APA, há autores que apontam para o ano de 1973 enquanto outros, o ano de 1974. Para Kaplan, Sadock e Grebb (1997), na obra “Compêndio de Psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica”, o ano corresponde a 1973, já Roudinesco (2006), em sua obra “A Família em Desordem”, e Edgar Gregersen (1983), em seu livro “Práticas Sexuais: a história da sexualidade humana”, o ano seria 1974.

buscam a igualdade de direitos às pessoas homossexuais. Surge neste contexto a discussão sobre a família homoparental e a adoção por pessoas de orientação sexual homossexual.

5. Adoção por Pessoas Homossexuais: desconstruindo mitos

Ainda hoje existem mitos preconceituosos sobre a homossexualidade, devido os fatos históricos citados.

A concepção de família estabelecida principalmente pelo Direito por meio da Constituição Federal de 1988, apesar de ter reconhecido novas formas, ainda prevalece arraigada a concepção de família heterossexual, o que limita a união estável entre pessoas do mesmo sexo e a adoção homoparental de crianças e adolescentes, contribuindo para a manutenção do preconceito em relação à homossexualidade.

Pesquisas realizadas com profissionais do meio jurídico no Brasil apontam a existência de muitos mitos relacionados à homoparentalidade e que decorrem de uma visão estigmatizante da homossexualidade (Uziel, 2007; Farias & Maia, 2009).

Podemos conhecer melhor estes mitos, e os esclarecimentos trazidos por estudos, tal com descrevem Farias e Maia (2009), no quadro abaixo.

MITOS	ESCLARECIMENTOS: DADOS DA LITERATURA
1) “Os homossexuais são pessoas desajustadas ou sofrem de distúrbios e por isso não poderiam criar uma criança”.	Desde a década de 1970 a homossexualidade deixou de ser considerada doença ou distúrbio, passando a ser considerada um modo de ser. Além disso, outras pessoas que não são homossexuais podem apresentar distúrbios sem que eles tenham relação com a orientação sexual;
2) “Os homossexuais tendem a abusar sexualmente das crianças”.	Não há nenhum indício de que pessoas com orientação sexual homossexual abusem mais de crianças que pessoas com orientação sexual heterossexual.
3) “Se a criança for criada por homossexuais, ela também será homossexual”.	Não há relação direta entre a orientação sexual dos pais, seja esta homossexual, bissexual ou heterossexual, e a que os filhos terão na vida adulta;
4) “A criança perderá a noção de diferença entre os sexos por ser criada por dois pais ou duas mães”.	A criança poderá construir a noção de diferença entre os sexos por meio de suas relações sociais em geral; os modelos de feminino e masculino não se restringem apenas às figuras físicas de pai e de mãe.
5) “É prejudicial para o desenvolvimento da criança o contato exclusivo com apenas um	Como já foi dito, os exemplos de papéis sexuais extrapolam os modelos de pai e mãe; além disso, os papéis sexuais maternos ou paternos independem de sexo biológico e podem ser assumidos

Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade

<i>tipo de papel sexual: paterno ou materno”.</i>	tanto por homens quanto por mulheres, na sociedade em geral.
6) <i>“As crianças vão ter problemas em seu desenvolvimento”</i>	Não há diferenças significativas no desenvolvimento físico e psicossocial entre filhos criados por pessoas gays e lésbicas e filhos criados por pessoas heterossexuais. Além disso, possíveis diferenças podem até ser identificadas, mas não são atribuídas às características da orientação sexual dos cuidadores e, sim, às condições diversas como: orgânicas, econômicas, educacionais, sociais, etc.
7) <i>“As crianças criadas por casais homossexuais irão sofrer mais por terem que lidar sempre com a questão do preconceito social”</i>	O sofrimento diante da discriminação social em relação a algum tipo de preconceito não se restringe à orientação sexual, mas a diversos outros fatores igualmente estigmatizantes, como raça, etnia, deficiências, pobreza, etc.

Quadro 1 – Resumo dos Mitos sobre a Homoparentalidade e seus esclarecimentos a partir da análise da literatura consultada. Fonte: Farias e Maia (2009, p.89- 90).

O Quadro 1 reflete os mitos encontrados em diversos estudos analisados por Farias e Maia (2009), tanto estrangeiros quanto nacionais. Podemos perceber tanto no Quadro 1 quanto no Quadro 2 que os mitos relacionados à homoparentalidade estão relacionados não só aos mitos sobre a homossexualidade, mas também à necessidade constante de equiparação do padrão de normatividade heterossexual à homossexualidade.

REFERÊNCIA: Stacey, J. & Biblarz, T. J. <i>How Does the Sexual 2001. Orientation of parents matter?</i> 4 In <i>American Sociological Review</i> , 66, 159-183. Disponível em: www.france.qrd.org/assocs/apgl		
Tema	Resultados	Considerações
<i>Preferência de Gênero e Comportamentos da Criança</i>	Os comportamentos dos filhos(as) de mães lésbicas são influenciados pela orientação sexual destas. Tanto meninos quanto meninas apresentam comportamentos relativos ao gênero menos estereotipados socialmente (vestimenta, brincadeiras, etc.). As meninas tendem a ter ocupações profissionais menos tradicionais como ser médica, advogada, astronauta, etc. Já os	As pesquisas sobre este tema ainda não apresentam respostas conclusivas. Mais estudos são necessários investigando outras questões e não somente a saúde psíquica dos filhos de pais/mães homossexuais.

4 Tradução livre do título: "A orientação sexual dos pais importa?". O estudo é constituído da revisão de 21 estudos na área de Psicologia que foram realizados entre 1981 e 1998.

<p><i>da Criança</i></p>	<p>meninos tendem a ser menos agressivos que os que convivem em um modelo de família heterossexual, mas correspondem mais às expectativas sociais que as meninas.</p>	
<p><i>Preferência Sexual da Criança</i></p>	<p>Os filhos de mães homossexuais relataram maior possibilidade de terem relações com alguém do mesmo sexo do que os filhos de mães heterossexuais.</p> <p>As jovens criadas por mães lésbicas demonstraram maior abertura para vivenciar sua sexualidade e foram consideradas menos castas que as jovens criadas por casais heterossexuais.</p>	<p>A existência de maior liberdade para se falar sobre sexualidade e vivenciar diferentes padrões de gênero podem refletir na incidência de maior número de jovens que relatam a possibilidade ter relações homossexuais ser filhos de mães lésbicas. Além disso, os aspectos biológicos e sociais podem influenciar nesta taxa maior, no entanto, as pesquisas não são conclusivas.</p>
<p><i>Saúde Psíquica da Criança</i></p>	<p>Não existem diferenças entre filhos de mães homossexuais ou heterossexuais em relação ao ajustamento social e psíquico, como a maior incidência de transtornos de ansiedade, depressivos e de auto-estima.</p> <p>Os filhos de mães lésbicas apresentam mais habilidades para lidar com adversidade e situações de homofobia.</p>	<p>A ausência de diferenças relativas à saúde psíquica pode estar relacionada às habilidades de pais/mães homossexuais em ensinarem seus filhos a lidarem com situações homofóbicas.</p>
<p><i>Comportamento dos pais/mães em relação aos comportamentos de gênero e ao desenvolvimento sexual da criança</i></p>	<p>As mães lésbicas se preocupam menos que as mães heterossexuais com o fato de seus filhos seguirem ou não os modelos sociais de gênero.</p> <p>As parceiras das mães lésbicas apresentaram mais habilidades parentais (como maior abertura para conversar sobre a sexualidade da criança) e envolvimento com as crianças do que os padrastos das crianças cujas mães eram heterossexuais.</p>	<p>O maior desenvolvimento das habilidades das mães lésbicas parece estar relacionado mais ao gênero do que à orientação sexual, já que socialmente é esperado que as mulheres se envolvam mais com os filhos do que os homens. As pesquisas nesta área ainda precisam ser mais aprofundadas.</p>

Quadro 2 – Resumo elaborado pela pesquisadora sobre os principais resultados e considerações encontradas no estudo “A orientação sexual dos pais importa?”. Fonte: Farias e Maia (2009)

Este mitos parecem revelar não só a visão preconceituosa sobre a homossexualidade, mas também parece enfatizar o medo da sociedade em lidar com outro tipo de padrão de relacionamento e de educação, um padrão ainda não muito conhecido.

*Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à
conjugalidade homossexual e a homoparentalidade*

Para Castañeda (2007) a aceitação social do casal homossexual está aumentando na sociedade, porém não é a homossexualidade que está sendo aceita, ela é tolerada desde que o modelo de relação afetivo-sexual seja o mesmo modelo ideal vigente do casal heterossexual, monogâmica, estável, “bem-comportado”.

Percebe-se que a idéia de seguir o modelo ideal heterossexual reflete-se nos mitos em relação à homoparentalidade e nos medos de que o a homossexualidade dos pais interfira no modelo de educação e socialização padronizada atual.

No meio jurídico, percebe-se que uma grande dificuldade neste sentido, relacionada à adoção por pessoas homossexuais e que se refere ao conceito social e jurídico de família. A aprovação do cadastro de adoção, principalmente do “casal” homossexual dependerá do entendimento do juiz sobre a constituição de uma “família”.

Apesar da lei brasileira não reconhecer explicitamente a família composta pelo casal homossexual, toda avaliação social e psicológica é realizada sobre o casal, ou seja, o meio jurídico reconhece implicitamente a existência do casal homossexual, mas não explicitamente. Isto pode ser um reflexo da repressão sexual e do preconceito ainda vigente, porém novos estudos são importantes para esclarecer esta questão no atual moimento histórico.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, toda ação deve ser realizada buscando o bem-estar da criança ou adolescente, por isso inclusive que existe todo o processo de avaliação das famílias que pretendem adotar. Neste sentido, podemos questionar se o não reconhecimento legal das famílias formadas por pais/mães homossexuais não estaria privando o bem-estar maior da criança pois esta não sentirá que sua família é legitimada perante a lei. Apesar das dificuldades jurídicas para adoção, é possível perceber que em algumas comarcas já existem casos de casais homossexuais que efetivaram a adoção, como nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, dentre outros.

Considerações Finais

Percebemos que as regras acerca da sexualidade sempre estiveram presentes na História, mas nem sempre o modo de lidar com a homossexualidade foi o mesmo. Na Antigüidade havia aprovação para a relação entre dois homens, desde que respeitadas as regras de diferenças de status social. As religiões politeístas também lidavam de forma mais positiva com as manifestações sexuais de forma geral. Começa-se a verificar uma mudança no modo de olhar para a homossexualidade com o fortalecimento do Cristianismo, em que se deveria condenar todo ato sexual que não fosse exclusivo para a procriação e dentro do casamento. Já no século XIX a Ciência se apoderou das explicações religiosas sobre a vida humana e justificou com teorias aqueles comportamentos considerados desviantes, ou seja, patológicos, dentre eles a homossexualidade. Somente com a força de movimentos sociais e de pensadores que contestavam essa visão da homossexualidade foi possível retirá-la da categoria diagnóstica de doença, na década de 70. Todos estes fatores históricos contribuíram para o conceito social atual de homossexualidade, ou seja, para muitas

peças a homossexualidade ainda é considerada doença ou desvio. Esta visão interfere na opinião das pessoas e de alguns profissionais do meio jurídico sobre o conceito de família e, conseqüentemente, se duas pessoas do mesmo sexo poderiam formar uma família adequada para a educar, criar e amar a uma criança. É possível verificar alguns avanços na forma de compreender a família homoparental, mas ainda são poucos os casos e estudos na área, o que contribui para a desinformação e reprodução do preconceito..

É preciso que a sociedade comece a questionar seus medos e preconceitos e conhecer outros tipos de padrões de relacionamento, de educação, de ser pais/mães. Enfim, o diferente não é necessariamente melhor ou pior que o padrão vigente e valorizado na sociedade, é apenas diferente e é preciso saber lidar com ele.

Ainda há muito que se trabalhar para que as pessoas possam ser respeitadas em suas diferenças e para que a sociedade aprenda a lidar com a diversidade. A orientação sexual não deveria servir como forma de categorizar e excluir pessoas. Almejamos a busca de uma sociedade mais justa, que respeite o modo de ser de cada indivíduo, desde que respeitados os direitos e deveres em sociedade.

Farias, M. O. (2010) Myths attributed to homosexual people and the prejudice related to homosexual conjugality and homoparenthood. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(1), 104-115.

Abstract: *Different civilizations, according to their historical moment and values, differed in the way they related to sexuality and homosexuality. Some historical occurrences, such as the Victorianism, the Christianity and the advance of Science in the XIX century, contributed to the current view of the society about homosexuality. In that period, some thinkers like Walt Whitman, Symonds, e Havelock Ellis contributed to a positive view of sexuality, and, above all in the XX century, social movements fought for respect and equal rights to the homosexual orientation. Despite some advances, there are stereotypes related to homosexuality, and, consequently, to homoparenthood. The literature has exposed these myths, for instance: 1) that every homosexual would be promiscuous; 2) that homosexuality would be a disorder, a deviation; 3) that homosexuals couldn't raise a child because he/she would be "influenced" by homosexuality; 4) that homosexuals tend to sexually abuse of children to fulfill their desires, among others. These irreflected beliefs reflected in the society favor discrimination and prejudice against people who face the homosexuality, and cause a difficult positive view in the society and the judicial group related to homoparenthood, and consequently to the adoption by homosexuals.*

Keywords: *homoparenthood. homosexual conjugality. myths. prejudice.*

Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade

Referências

- Brandão, D.V.C. (2002). *Parcerias homossexuais: aspectos jurídicos*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Castañeda, M. (2007). *A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas*. São Paulo: Girafa.
- Catecismo da igreja católica. (2005). Libreria Editrice Vaticana. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html>. Acesso em 17 ago. 2007.
- Catonné, J.P. (1994). *A sexualidade, ontem e hoje*. (M. Í. Koralck, trad). São Paulo: Cortez. (Coleção questões de nossa época, 40).
- CFP. (1999). Resolução nº 001/99. Brasília. Disponível em: <http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em 25 de set. 2006.**
- Chauí, M. (1984). *Repressão sexual – essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- Dias, M.B. (2006). *União homossexual: o preconceito e a justiça*. Porto Alegre: Livraria do Advogado.
- Farias, M.O & Maia, A.C.B. (2009). *Adoção por Homossexuais: a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica*. Curitiba: Juruá.
- Figueiró, M.N.D. (1996). *Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio*. Londrina, UEL.
- Globo, O. (2008, 22 de dez.). *Papa compara proteção a florestas a combate a homossexualismo*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2008/12/22/papa-compara-protECAo-florestas-combate-homossexualismo-587504787.asp>>. Acesso em 06 set. 2009.
- Gregersen, E. (1983). *Práticas sexuais: a história da sexualidade humana*. (A. A. de T. Serra & E. Ferreira, trad.). São Paulo: Roca.
- Guimaraes, M. (2007). Unidos pela causa: processo histórico moderno estabelece visibilidade para o movimento gay. *Psique: ciência e vida*. II (16): Escala.
- Hochman, G.; Prowler, M. & Huston, A. (1995). *Working with gay and lesbian adoptive parents*. Disponível em: <<http://www.adoptions.com/aecgaylez.html#after>>. Acesso em: 20 out. 2006. Sem Paginação.
- Kaplan, H. I.; Sadock, B. J. & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica*. Porto Alegre: Artmed.

- Naphy, W. (2006). *Born to be gay: história da homossexualidade*. Lisboa: Edições 70, LDA.
- Ribeiro, P. R. M (org) (2002). *Sexualidade e educação sexual: apontamentos para uma reflexão*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- _____. (2005). Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In Maia, A. C. B. & Maia, A. F. (org). *Sexualidade e infância* (pp.17-34). Bauru, Faculdade de Ciências: Cecemca; Brasília: MEC/SEF. (Cadernos CECEMCA n. 1).
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Spencer, C. (1996). *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record.
- Trevisan, J.S. (200?). *Desejo de vida ou desejo de morte?*. Disponível em: <[http://www.leiabrasil.org.br/doc/leiaecomente/ vida_morte.doc](http://www.leiabrasil.org.br/doc/leiaecomente/vida_morte.doc)> Acesso em 18 de Ago.2008.
- Uziel, A.P. (2007). *Homossexualidade e Adoção*. Rio de Janeiro: Garamond.

Recebido: 29 de novembro de 2009.

Aprovado: 10 de março de 2010.